



## JOSÉ MANOEL DA CONCEIÇÃO: UM REFORMADOR NATIVO

**Hermisten Maia Pereira da Costa**

Doutor e mestre em Ciências da Religião. Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

E-mail: [hermisten@terra.com.br](mailto:hermisten@terra.com.br)

## RESUMO

---

Neste primeiro de dois artigos, descrevem-se aspectos da vida e formação do Rev. José Manoel da Conceição, o primeiro pastor protestante brasileiro, que, por seus ensinamentos, antes mesmo de aderir à fé protestante, era conhecido como “padre protestante”. Analisa também os momentos de tensão e angústia que marcaram o abandono de sua antiga fé e a adoção da nova, bem como o seu ingresso no ministério pastoral na Igreja Presbiteriana no Brasil.

## PALAVRAS-CHAVE

---

José Manoel da Conceição; Presbiterianismo; Protestantismo brasileiro; Protestantismo; Brasil Império.

## 1. INTRODUÇÃO

---

O período de 1808 a 1821 é de grandes transformações religiosas no Brasil: Brasil Colônia passa a Brasil Império; a inquisição, que tivera seus tentáculos no Brasil, agora cede lugar a uma relativa liberdade religiosa (TARSIER, 1936; COSTA, 2006). As transformações não foram pacíficas, mas quais são? No entanto, não podemos nos queixar, o Brasil entrava em uma nova fase sem derramamento de sangue – pelo menos não em demasia como acontecera na Europa durante as grandes metamorfoses políticas, sociais e religiosas.

O próprio governo imperial irá incentivar o processo migratório. Segundo Azzi (1992, p. 13), havia três objetivos principais:

Branqueamento da população brasileira<sup>1</sup>, procurando dessa forma deter o avanço da negritude, decorrente do número contingente de escravos trazidos da África; criação da pequena propriedade, num país marcado desde a época colonial pelo latifúndio dos engenhos e das fazendas; incremento do trabalho livre, num território até então objeto de atividade quase exclusiva do braço escravo<sup>2</sup>.

A partir de 1810, começaram a chegar ao Brasil estrangeiros de origem protestante. Contudo, não nos iludamos, isso não significa a vinda de missionários, mas, sim, de colonos que eram protestantes, pelo menos de regiões protestantes, que vinham tentar a vida em novo continente, com imagináveis novas opções de vida. A vinda de pastores não tinha como objetivo imediato a pregação de sua fé e a conversão dos nativos, mas sim a assistência pastoral aos seus fiéis protestantes. Nessa época, vamos verificar também a questão da legalidade da construção de templos. A ação isolada de clérigos e as interpretações que variam aqui e ali, acompanhadas por uma característica nossa, de fazer de conta que não acontece, marcou episódios dessa história. Conforme formos descrevendo a penetração dos imigrantes e de suas respectivas atuações religiosas, vamos demonstrando essas particularidades.

O ano de 1810 marca também o período em que foram trazidos 13 suecos – provavelmente luteranos (RIBEIRO, 1973, p. 79) – para a Real Fábrica de Ferro de São João do Ipanema, às margens do rio Ipanema (contratados em 31 dez. 1809) (OLIVEIRA, 1952, p. 227 et seq.; 91 et seq.).

Em 9 de maio de 1818, mediante oferta de um suíço, Nicholas Gachet – emissário do governo do cantão suíço de Friburgo –, D. João VI contratou a primeira leva de colonos suíços, 100 famílias. No contrato rezava que as famílias deveriam ser católicas: Fundaram Nova Friburgo. No entanto, em

<sup>1</sup> Certamente por ignorância, tenho dificuldade em aceitar essa tese. O autor não cita documentos e, também, em nenhum momento percebi discurso semelhante entre os deputados da Constituinte.

<sup>2</sup> Razões adicionais são indicadas por Joachim Fischer (1986, p. 12), que segue Martin N. Dreher.

razão de problemas variados, não se estabeleceram ali em definitivo, indo procurar regiões mais férteis. Posteriormente (1824), os alemães luteranos se estabeleceriam em Nova Friburgo.

Ainda em 1818, estabeleceu-se uma colônia de alemães no rio Peruíbe, Porto Seguro, “cada um deste recebendo do Governo uma légua quadrada de terras. Essa colônia que recebeu a denominação de Leopoldina continha em 1826 seiscentos colonos e quinze fazendolas de café” (RODRIGUES, 1904, p. 101).

Aos poucos, a exigência de os imigrantes serem católicos foi se tornando obsoleta:

Em 1823, D. Pedro I enviou o Major [Georg Anton von] Schaeffer a Frankfurt-sobre-o-Meno, para promover a vinda de imigrantes. Não somente desapareceu a exigência de serem católicos romanos, como ainda em nome de S. M. o Imperador, contratou-se um pastor protestante para acompanhá-los, com seu sustento provido pelo governo Imperial (RIBEIRO, 1973, p. 79)<sup>3</sup>.

As condições legais que facultavam a vinda de protestantes para o Brasil foram consideradas, num primeiro momento, pelos missionários, não como algo restritivo, mas “excelentes para sua prédica” (RIBEIRO, 1981, p. 293).

A partir de 1810, torna-se evidente o uso da abertura religiosa concedida aos ingleses por meio do “Tratado de Comércio e Navegação”; assim, eles passaram “a celebrar o culto protestante a bordo de seus navios de guerra que ancoravam no porto do Rio de Janeiro ou em residências particulares, inclusive a de Lord Strangford” (RIBEIRO, 1973, p. 17).

É natural que os estrangeiros tenham as suas perspectivas a respeito deste grande e misterioso continente, repleto de “pagãos” que ainda não conhecem o Evangelho. No entanto, por intermédio de um vislumbre aqui e ali, podemos também perceber a visão do clero e do povo a respeito desses homens que traziam uma religião estranha, mas, que no momento, digamos, era um mal tolerável – como diriam alguns constituintes –, em prol do progresso resultante do acordo com a Inglaterra.

<sup>3</sup> Veja-se também: Hunsche (1983, p. 11). O art. 7º do contrato especifica isso. Veja-se: Tschudi (1953, p. 100).

Considerando o escopo deste texto, não posso me deter nas denominações que para cá vieram. Cito apenas datas: anglicanos (1812); luteranos (1816); metodistas (1835); congregacionais (1855); presbiterianos (1855 e 1859) e os batistas (1871).

O Rev. A. G. Simonton (1833-1867) desembarcou no Rio de Janeiro em 12 de agosto de 1859, sendo depois ajudado por outro missionário, Rev. A. L. Blackford (1829-1890), que chegou em 25 de julho de 1860, e o Rev. Francis J. C. Schneider (1832-1910), que aportou no Rio em 7 de dezembro de 1861. Em 12 de janeiro de 1862, temos a organização da Primeira Igreja Presbiteriana no Brasil, no Rio; a Segunda Igreja foi organizada em São Paulo (5 mar. 1865) e a terceira, em Brotas (13 nov. 1865). Essas três Igrejas se constituem num triângulo eclesiástico fundamental em nosso estudo, e mais, para o estudo da origem do presbiterianismo no Brasil. Isso nos conduz ao “Padre Protestante”, um certo Conceição.

## 2. SEUS PRIMEIROS ANOS DE VIDA

José Manoel da Costa Santos, e depois José Manoel da Conceição, nasceu na cidade de São Paulo em 11 de março de 1822, filho de um português, canteiro de ofício (“artífice em construção de pedra”), Manuel da Costa Santos, e de Cândida Flora de Oliveira Mascarenhas, natural do Rio de Janeiro e neta de açorianos (RIBEIRO, 1995, p. 7). Aos dois anos de idade, foi residir em Sorocaba, onde foi criado. Sendo formado na Igreja Romana, foi batizado na Sé de São Paulo em 24 de março de 1822, tendo como padrinho, o seu tio-avô, padre José Francisco de Mendonça – irmão de seu avô Manoel Francisco de Mendonça –, que exerceria poderosa influência sobre seu afilhado.

O padre Mendonça, após vencer concurso, assumiu em 3 de fevereiro de 1824 o cargo de vigário colado de Sorocaba. Para aqui viriam também sua mãe, já idosa e viúva, D. Ana Joaquina, e, pouco depois, “a sobrinha com o marido e o sobrinho-neto (e afilhado) de 2 anos” (RIBEIRO, 1995, p. 7). Todos passaram a residir na mesma casa, na rua São Bento. Logo morreria sua mãe; seu pai, que viajava bastante a trabalho, deixou o filho com o tio-avô, que o criou e educou.

### 3. SUA FORMAÇÃO

---

As suas primeiras letras foram aprendidas na escola do padre Jacinto Heliodoro de Vasconcelos em Sorocaba (LESSA, 1935, p. 12). “A escola alfabetizava, ensinava aritmética, geometria, gramática, história sagrada e catecismo” (RIBEIRO, 1995, p. 12; SILVA, 2002, p. 22-24)<sup>4</sup>. Educação já regalista, visto que o catecismo adotado, *Catecismo de Montpellier*, fora escrito pelo oratoriano François-Aimé Pouget (1666-1723), então diretor do Seminário de Montpellier, e publicado em 1702, por ordem do bispo de Montpellier, Charles-Joachim Colbert. Essa obra, que era de cunho jansenista, fora condenada pelo Vaticano (1772), sendo diversas de suas traduções censuradas<sup>5</sup>, mas, também, fora recomendada por um alvará do rei de Portugal (12 out. 1770)<sup>6</sup>. O jansenismo tinha algumas afinidades teológicas com o protestantismo<sup>7</sup>. O jovem Conceição crescerá no conflito entre a graça de Deus e a necessidade da ajuda dos santos. Em outro lugar diz: “Fui muito devoto até os 16 anos. Depois que a religião começou a influir no meu coração, comecei a sofrer de melancolia pelo retrospecto que fazia sobre a minha vida passada [...]” (IMPrensa EVANGÉLICA, março de 1881, p. 73).

A presença do padre José Francisco de Mendonça foi muito marcante em sua vida. Esse era um homem consciencioso, enérgico e instruído. Embora não seja um homem apaixonado por política, sabe o que quer e assume; ele foi um dos signatários da *Ata de Rebelião* de 1842, quando eclodiu a Revolta Liberal em São Paulo. O jovem José Manoel da Conceição também a assinou (RIBEIRO, 1995, p. 7-8, 21).

---

<sup>4</sup> O missionário metodista Daniel P. Kidder (1951, p. 267) demonstra o seu apreço pelo *Catecismo de Montpellier* como facilitador para a introdução do ensino religioso.

<sup>5</sup> Veja o Catecismo digitalizado de uma edição impressa na Bahia (1817). Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/03903600#page/293/mode/1up>>. Acesso em: 12 jan. 11.

<sup>6</sup> O Alvará dizia: “... E mando, que em lugar dos ditos processos, e sentenças, se ensine aos meninos por impressos, ou manuscritos de diferente natureza, especialmente pelo Catecismo pequeno do Bispo de Montpellier Carlos Joaquim Colbert, mandado traduzir pelo Arcebispo de Evora para instrução de seus Diocesanos, para que por ele vão também aprendendo os Princípios da Religião, em que os Mestres os devem instruir com especial cuidado, e preferência a outro qualquer estudo. E este se cumprirá tão inteiramente como nele se contém, sem duvida ou embargo algum”.

<sup>7</sup> Weber (1970, p. 445) chega a dizer que o jansenismo surgiu da busca do “Calvinismo Católico”.

Conceição (1867, p. 3) resume sua formação:

Na idade de doze anos comecei a estudar, e daí até completar vinte e três anos tinha feito os meus exames de latim, francês, lógica, retórica e teologia moral e dogmática. Em 1844 fui ordenado diácono pelo finado bispo D. Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade [...].

Conceição estuda em São Paulo; como não havia Seminário, “os Preparatórios eram feitos no Curso Anexo da Academia Jurídica e a Teologia com professores não oficiais” (RIBEIRO, 1995, p. 18). Seu colega, frei Monte Carmelo – “o grande apoloquista de Conceição” (VIEIRA, 1980, p. 147) –, lembra que “em latim e em humanidades, José Manoel da Conceição nunca foi excedido pelos seus colegas de teologia” (MONTE CARMELO, 1874, p. 5). Em seus estudos, foi aluno do padre Francisco de Paulo Oliveira, Ildefonso Xavier Ferreira e Joaquim Anselmo de Oliveira. Dá-se aqui, possivelmente, o início de uma amizade duradoura, ainda que posteriormente seguindo caminhos diversos: Conceição e Joaquim de Monte Carmelo (1815-1899) – depois cônego da Sé de São Paulo –, um regalista partidário de Feijó e Frei Caneca que, mais tarde, tornar-se-ia seu biógrafo (RIBEIRO, 1995, p. 18-20; MONTE CARMELO, 1874, p. 5).

O fato de Conceição ter assinado a *Acta da Revolta* de 1842 impediu-o de ser diácono. No entanto, o pior estava por vir. Segundo Monte Carmelo, a erudição e independência de Conceição, aliada à sua amizade com “alemães” e “ingleses” valeram-lhe passar grande vergonha em 1843. Escreve Monte Carmelo (1874, p. 6):

Admitido às ordens como seus colegas, passou ele pelo vexame de, *depois de paramentado* para receber o diaconato, deixar as vestes sagradas, e descer as escadas episcopais como *desce o laço que furta o relógio do amo!*

A situação política muda; em 29 de setembro de 1844, Conceição é finalmente ordenado diácono. Nessa condição, batiza os filhos de Langaard. Em 29 de junho de 1845, aos 23 anos de idade, foi ordenado presbítero da Igreja Católica Romana (RIBEIRO, 1995, p. 24).

Mesmo depois de aderido ao protestantismo, Conceição admite que a sua família era cristã, sendo essa a sua formação. Falando sobre a pregação cristã, escreve: “Nessa crença viveram nossos pais e nela morreram” (IMPrensa EVANGÉLICA, 1º maio 1880, p. 129).

## 4. AS ANGÚSTIAS ESPIRITUAIS

Mas o padre José Manoel da Conceição lia a Bíblia. Seu espírito reto e esclarecido não podia conciliar os dogmas e as práticas da igreja romana com o ensino de Deus contido nas Escrituras (LIVRO DE ATAS DO PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO, Sessão de 6/8/1875).

“Por dezoito anos paroquiei nas igrejas de Água Choca, Piracicaba, Santa Bárbara, Taubaté, Sorocaba, Limeira, Ubatuba e Brotas”, recorda Conceição (1867, p. 3).

Talvez, de forma surpreendente para alguns, as angústias espirituais começaram pela Bíblia; ainda que não num primeiro momento. Diz Conceição (1867, p. 3): “O pouco que podia ler da Bíblia nunca deixou de tocar-me; do tesouro das preciosidades adquiridas nessa leitura tirava o material de que carecia para falar, para pensar e mesmo para obrar”. Dá-se em Conceição um processo lento e gradativo de insatisfação com a pregação e prática de sua Igreja. O caminho para o rompimento era inevitável. No entanto, a decisão de Conceição (1967, p. 7) se deu depois de um longo período de angústia, leitura e reflexão: “Havia anos que a leitura da Bíblia, da História da Reforma, e de outros livros religiosos e literários, tinham-me sugerido idéias que não se harmonizavam com os dogmas que professava”. Aliás, essa insatisfação dera-se bem cedo; ainda em sua adolescência. Ele diz que para a sua melancolia não encontrava remédio em sua religião. Continua:

Aos 18 anos comecei a ler a Bíblia. Apenas tinha lido os três primeiros capítulos do Gênesis quando notei, que a prática e doutrina da Igreja Romana faziam oposição direta e irreconciliável com a Palavra de Deus (Gênesis 2.24; Mt 19.5) (IMPrensa EVANGÉLICA, março de 1881, p. 73).

No entanto, o seu destino era a sacristia e o celibato. A situação se agrava: “A leitura da Bíblia e minhas relações com os protestantes fizeram logo de mim um mal candidato e mais tarde péssimo padre romano” (IMPrensa EVANGÉLICA, março de 1881, p. 73).

O contato com os protestantes deu-se por intermédio do pintor francês Carlos Leão Bailot, que além de decorar a Matriz de Sorocaba ministrava aulas de desenho e pintura a Conceição (RIBEIRO, 1995, p. 17-18).

Ipanema – a mesma para onde foram os suecos luteranos – era perto de Sorocaba. Na década de 1840 moravam ali famílias alemãs e também um médico dinamarquês, João Henrique Theodoro Langaard e esposa, “mais ou menos evangélicos” (RIBEIRO, 1995, p. 23; 1979, p. 45-46). Conforme proposta de Langaard, ambos trocariam aulas; Langaard ensinaria alemão a Conceição e este aperfeiçoaria o português daquele. Docência e discência aceitas, com o passar do tempo vemos o jovem Conceição lendo na biblioteca de Langaard, onde, além de obras de sua área específica, havia clássicos alemães, história da Igreja e obras evangélicas (RIBEIRO, 1995, p. 23-24).

O conflito íntimo era inevitável: “Vieram-me convicções irreconciliáveis com as obrigações e práticas que me cabiam como pároco” (CONCEIÇÃO, 1867, p. 7). Essa prática, de pregar as Escrituras, gerou-lhe o apelido no clero, e até mesmo por parte do bispo, de “padre protestante” (IMPrensa EVANGÉLICA, março de 1881, p. 73; CONCEIÇÃO, 1867, p. 4; PEREIRA, 1912, p. 18)<sup>8</sup>. Suas pregações tornaram-se incômodas para a hierarquia romana. Resultado: ele era transferido constantemente, conforme relata, de cidade em cidade, não o deixando realizar um trabalho mais duradouro em nenhum lugar: “o não faziam aquecer lugar” (MONTE CARMELO, 1874, p. 10; RIBEIRO, 1979, p. 54-55; 1995, p. 25-30). Aqui são constatadas parte de suas angústias espirituais:

Não tardei a achar-me em contradição com muitas doutrinas e práticas da Igreja Romana, e isto minhas prédicas não podiam deixar de revelar, tanto que me haviam procurado o epíteto de protestante (CONCEIÇÃO, 1867, p. 4).

Por ser um homem honrado e sincero, os seus dilemas íntimos não tardariam a influir em sua *praxis* sacerdotal<sup>9</sup>:

Não sabia como subtrair-me conscienciosamente a este emprego, que sempre procurei exercer para o bem dos meus semelhantes.

<sup>8</sup> Essa designação pegou; Conceição tornar-se-ia conhecido desse modo. A própria *Imprensa*, quando noticia a adesão de um padre ao protestantismo em Roma, intitula: “Um padre protestante e a inquisição em Roma” (IMPrensa EVANGÉLICA, 6 dez.1873, p. 184).

<sup>9</sup> Como Ribeiro (1995, p. 32) acentua, o conflito de Conceição agravava-se por ser ele, de certa forma, uma “peça da máquina e participa, digamos assim, do negócio da comutação dos pecados”.

Esforçava-me por conter minhas idéias e conciliar minhas convicções com as circunstâncias em que a providência de Deus me tinha colocado (CONCEIÇÃO, 1867, p. 7-8).

Mas até quando conseguiria isso? Havia possibilidade real de conciliação entre a sua nova fé e a sua prática sacerdotal? Ele confessa que a sua luta era de balde. “A alma tocada da verdade e do Espírito Santo só acha paz em reconciliar-se com Deus e conformar-se com a sua Santa Lei. A luta da alma era longa, renhida e penosa. Muitas vezes recolhia-me comigo mesmo, comparava minha vida com o Evangelho; não achava paz na alma” (CONCEIÇÃO, 1867, p. 8). A sua primeira visão de solução para a sua angústia era a confissão; mas resolveria o seu problema? Qual seria a sua experiência? A de Erasmo (c. 1469-1536), que declarara de forma ambígua: “Por certo são numerosos e fortes os argumentos contra a instituição da confissão pelo próprio Senhor. Mas como negar a segurança em que se encontra aquele que se confessou a um padre qualificado?” (DELUMEAU, 1991, p. 37), ou a de Lutero (1483-1546), que durante o seu noviciado e depois como monge agostiniano demonstra de forma eloquente que a confissão auricular, os jejuns e as penitências – os quais ele praticava com frequente rigor – não lhes proporcionava a paz esperada? (COSTA, 2009a, p. 15-16)<sup>10</sup>. Deixemos que o próprio Conceição (1867, p. 8) relate a sua experiência:

Muitas vezes recolhia-me comigo mesmo, comparava minha vida com o Evangelho; não achava paz na alma. Lembrava-me da confissão; mas a confissão, pondo Deus a par dos santos e dos padres, deixava-me sem saber quem era o que me perdoava, nem se a remissão dos meus pecados dependia da absolvição do padre, se da minha contrição, se da penitência imposta, que umas vezes cumpria outras não. Não era, pois, com tais incertezas e dúvidas que minha alma podia ser curada, e a moléstia era grave.

Sensível aos seus paroquianos, Conceição (1867, p. 8) percebe desespero semelhante:

Olhava em redor de mim; ofereciam-se à minha contemplação milhares de almas na mesma situação em que eu me achava,

---

<sup>10</sup> Léonard (1981, p. 57- 64) faz um paralelo entre a crise de Conceição e a de Lutero.

nas mesmas cadeias do erro e do pecado; e sobre todo este quadro, a lei de Deus condenando de morte a indiferença, a idolatria, o desprezo dos seus mandamentos!.

No último casamento que realizou como padre, não quis atender confissão dos noivos<sup>11</sup>, dizendo: “Eu e vocês precisamos nos confessar a Deus e não aos homens” (CAMPOS, 1921, p. 9).

As Escrituras Sagradas assumem para ele o caráter de espelho no qual pôde ver a sua necessidade de misericórdia de Deus e arrependimento. Após examinar diversos textos da Bíblia, admite:

Em presença de verdades tão positivas e tão terríveis para nós, visto como elas se dirigem com toda força ao estado e condições da nossa sociedade, eu, não sabendo que fazer, suspirava: “Deus! olha para nós com olhos de misericórdia!”

Esperava porém, com uma convicção inabalável, que Deus havia de olhar para sua igreja e havia de assisti-la com o seu Santo Espírito (CONCEIÇÃO, 1867, p. 9).

Deparando com a história da Igreja, inquietava-se:

Os estudos da história da humanidade do professor belga Laurent acabavam de inteirar-me, a não poder mais ser do plano romano; não estava, pois, mais em mim o condescender por mais tempo com Roma [...] (IMPrensa EVANGÉLICA, março de 1881, p. 73).

Lembrava-me dos mártires e dos cristãos primitivos, e dizia então comigo:

– Que! pois porque hoje ninguém nos persegue, porque nossa fé não é mais posta às provas do martírio, estaremos por isso dispensados de aspirar e praticar a mesma pureza de fé e de costumes que distinguiu os crentes, confessores e mártires dos primeiros séculos? (CONCEIÇÃO, 1867, p. 9-10).

As suas incógnitas não são apenas de ordem pragmáticas, têm também um fundamento profundamente teológico:

---

<sup>11</sup> Os noivos que depois aderiram ao protestantismo eram: José Correa de Lacerda e Marciana Alves de Mira.

Em que lugar do Velho e do Novo Testamento se acham palavras que autorizem os diferentes e vários meios de graça que constituem hoje o essencial na Igreja Romana? Nem os profetas, nem Jesus Cristo, nem seus apóstolos, dizem-nos cousa alguma de jubileus, de indulgências, de missas, de promessas, de ofertas de dinheiro, de penitências corporais de imposição, de estabelecimentos pios, como meios capazes de alcançar o perdão dos pecados, senão só pela livre graça de Deus por meio de Nosso Senhor Jesus Cristo (CONCEIÇÃO, 1867, p. 10).

**Sua percepção é que, com o passar do tempo, a Igreja romana se deteriorou desviando-se em muito da simplicidade do Evangelho:**

Para sentir a alteração completa e radical que as circunstâncias dos tempos e dos diversos lugares têm causado à fé primitiva evangélica, basta compararmos as práticas, usos, rituais e dogmas, que abundam atualmente no romanismo, com o credo ou símbolo dos apóstolos, e logo se reconhecerá que o uso de imagens, devoções e romarias dos santos, promessas, votos, penitências impostas e determinadas, comutações, dispensas, chamadas relíquias, bulas e mil outros meios de graças, que constituem a essência do romanismo atual, são especulações de data muito recente, que nenhuma autoridade tem na velha fé católica e apostólica da Igreja Evangélica de Nosso Senhor Jesus Cristo, a qual meu coração aderiu com júbilo desde que, podendo por mim mesmo ler a palavra de Deus, reconhecia como protótipo da verdade (CONCEIÇÃO, 1867, p. 12).

**A sua conclusão é radical e ousada: A igreja romana não era a “Igreja Evangélica de Nosso Senhor Jesus Cristo”. Continua:**

Não vemos porventura realizadas as previsões do apóstolo dizendo que apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos de erros e a doutrinas de demônios, que com hipocrisia falarão mentira e terão cauterizada a consciência, que proibirão casarem-se e que se faça uso das viandas que Deus criou para que, com ação de graças, participem delas os fiéis e os que conheceram a verdade?! (CONCEIÇÃO, 1867, p. 12-13).

## 5. A MISERICÓRDIA DE DEUS: A SAÍDA DO “LABIRINTO”

---

Ao explicar sua abjuração do Romanismo e sua adesão à Igreja Evangélica, José Manoel da Conceição fincou uma das estacas permanentes da Reforma Evangélica da Religião no Brasil (RIBEIRO, 1995, p. 41).

Como vimos, Conceição (1867, p. 9), vendo o labirinto no qual se encontrava sem saber o que fazer, clamava: “Deus! olha para nós com olhos de misericórdia!”. Ao mesmo tempo, alimentava a sua fé. “Esperava porém, com uma convicção inabalável, que Deus havia de olhar para sua igreja e havia de assisti-la com o seu Santo Espírito”. Pois bem, ele não esperou em vão; “a extremidade do homem é a oportunidade de Deus” (CONCEIÇÃO, 1867, p. 13). Deus, misericordioso que é, deu-lhe a consciência desta realidade; ele a percebeu:

*Deus se compadeceu de minha miséria, e, de um modo para mim inesperado e em tudo providencial, deu-me a conhecer mais claramente a verdade, e fez-me sair do melindroso estado espiritual em que me achava (CONCEIÇÃO, 1867, p. 13).*

No primeiro semestre de 1863, Conceição, já convicto de que deveria deixar a sua paróquia, expõe o seu problema ao bispo, D. Sebastião Pinto do Rego, que, habilidosamente, faz-lhe uma contraproposta: “Ele deixaria a função de vigário encomendado e o bispo o nomearia vigário da vara na comarca” (RIBEIRO, 1995, p. 32). Nessa função não teria que celebrar missas nem ministrar sacramentos. Essa “aposentadoria” pareceu-lhe adequada. “Comprou sítio em Corumbataí, perto de Rio Claro, para onde se mudou” (RIBEIRO, 1995, p. 33; 1979, p. 142).

Em 22 de outubro de 1863, o Rev. Blackford viajou para o interior de São Paulo, visitando Campinas, Limeira, São João do Rio Claro, Piracicaba, e as colônias alemãs de São Jerônimo, Ibicaba, São Lourenço e Angélica. Retornou à Província de São Paulo em 18 de novembro de 1863. Foi durante essa viagem que Blackford teve o seu primeiro contato com o padre José Manoel da Conceição; o encontro ocorreu deste modo: Ouvindo em Rio Claro falar a respeito de um “padre

protestante”; após se informar a respeito, foi em companhia de um amigo do padre à chácara de sua propriedade nas proximidades da cidade, onde o conheceu e teve uma boa impressão do padre. Conceição se entusiasmou, considerando a visita do pastor como a de um mensageiro de Deus.

Quando Blackford se retirou uma eternidade de alegria inundava o coração do padre. Sobre a mesa ficaram exemplares da Bíblia e folhetos evangélicos, que Conceição levou para Brotas e lá distribuiu (RIBEIRO, 1995, p. 33).

Surge, desde então, uma correspondência constante entre os dois (RIBEIRO, 1979, p. 102-103,107).

Seis meses depois, quinta feira, 19 de maio, Conceição estava em São Paulo, e uma das visitas que fez foi à casa de Blackford:

Estava na sala com Blackford quando Lillie<sup>12</sup> entrou. Sem qualquer preâmbulo e sem cerimônia, a primeira coisa que ela fez foi convidá-lo a passar-se da Igreja Romana para a Evangélica. A surpresa o embaraçou, e não respondeu (RIBEIRO, 1995, p. 34).

Durante cinco dias, teve oportunidade de conversar com Blackford e também com Simonton, nascendo grande amizade entre eles. Quando regressou para Corumbataí, já sabia o que ia fazer: Estudar as doutrinas evangélicas e sair do romanismo (RIBEIRO, 1995, p. 35; 1979, p. 107).

Conceição narra em tons vivos e emocionantes os aspectos subjetivos da sua experiência espiritual, os quais tinham como fundamento a obra objetiva e eficaz de Cristo:

[Deus] derramou a sua graça em meu coração; inclinou-me outro destino, mais digno de um anjo do que de um pobre pecador, e ministrou-me os meios de segui-lo. Não pude recalcitrar. Achei em Jesus Cristo crucificado, ressuscitado, glorificado e pregado a todos no Evangelho, um Salvador compassivo e um Advogado poderoso, e não pude senão seguir sua voz benigna [...] (CONCEIÇÃO, 1867, p. 13-14).

---

<sup>12</sup> Esposa de Blackford e irmã de Simonton.

Para ele, não há outra saída senão romper com o romanismo... “Não aguardava senão a primeira ocasião para dizer-lhe o último adeus. A ocasião não faltou, nem eu a ela” (IMPRESA EVANGÉLICA, março de 1881, p. 73). Ele o fez; sozinho, sem estardalhaço, sem companheiros e protetores. Antes, porém, esteve na casa de Blackford no dia 23 de setembro, tendo participado pela primeira vez de um culto evangélico no domingo, 25, na Rua São José, nº 1, onde ficava a Congregação Presbiteriana em São Paulo. Com a ousadia própria da simplicidade, diz:

Deus em sua infinita misericórdia dignou-se assistir-me neste transe com sua graça, oferecendo-me uma oportunidade para dar, em data de 28 de setembro de 1864, o passo decisivo de depor nas mãos de D. Sebastião Pinto do Rego, atual Bispo de São Paulo, o cargo que a minha consciência não me permitia exercer mais (CONCEIÇÃO, 1867, p. 4)<sup>13</sup>.

A *Imprensa Evangélica* (3 jan. 1874, p. 1) resume: “Decidiu-se em 1864 a tudo abandonar por amor da verdade”.

A impressão que tenho é que Conceição, mesmo refletindo detidamente sobre o assunto (RIBEIRO, 1995, p. 38), não teve de início a noção clara das dimensões do seu ato; ele não percebeu a revolução que estava criando simplesmente por não poder fugir às suas convicções resultantes de sua fé inabalável em Jesus Cristo e na Sua Palavra. Assim, com a pureza de uma alma sincera e corajosa, diz:

Se houve de minha parte erro em demorar por tanto tempo a renúncia daquilo que não quadrava com a minha consciência, tenho a consolação de sentir que Deus, que só conhece o quanto me custou, tem me perdoado, com todos os meus pecados também este, por amor de seu Filho Jesus Cristo, cujo sangue purifica de toda a iniquidade (CONCEIÇÃO, 1867, p. 14).

---

<sup>13</sup> “Em setembro de [28 de setembro] 1864 separei-me da Igreja Romana desfazendo-me, no exercício de um direito inalienável, de tudo quanto ela tinha pretendido me dar e impor” (CONCEIÇÃO, 1867, p. 14). “Em 28 de setembro de 1864 participou ao Bispo de São Paulo sua definitiva retirada daquela igreja, e a renúncia dos cargos que nela tinha exercido” (LIVRO DE ATAS DO PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO, Sessão de 6/8/1875).

## 6. 1864

Esse foi um ano de grandes mudanças na vida do padre Conceição. Como vimos, em 28 de setembro ele rompeu com o romanismo. Domingo, 9 de outubro, despertando a curiosidade de muitos, especialmente dos evangélicos do Rio de Janeiro, Conceição pregou na Igreja do Rio, então localizada na Rua Regente 42-A. Em 23 de outubro de 1864, fez sua pública profissão de fé e foi batizado no mesmo lugar (LIVRO DE ATAS DO PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO, Sessão de 6/8/1875); o Rev. Blackford realizou a cerimônia. A Igreja estava novamente cheia (TRAJANO, 1902, p. 15; RIBEIRO, 1995, p. 44). Simonton (1982) registra: “Foi solene. Terminada a cerimônia, fiz alguns comentários e depois ele, de modo muito apropriado e em linguagem vigorosa explicou o passo que tinha dado”<sup>14</sup>.

Nesse período está o Sr. Conceição envolvido com Simonton, Blackford, Schneider e Santos Neves com a publicação do jornal *Imprensa Evangélica*. Uma semana antes de a *Imprensa* ser publicada, Simonton fez circular uma carta falando do futuro lançamento e de seus objetivos<sup>15</sup>. Finalmente, na no dia 5 de novembro saiu o primeiro número com a tiragem de 450 exemplares (RIBEIRO, 1981, p. 97), impressos na Typographia Universal de Laemmert<sup>16</sup>; todavia, em razão de ameaças sofridas pelos editores, eles se negaram a imprimir o número seguinte da *Imprensa*, “temendo que sua tipografia fosse atacada pelo populacho açulado pelos padres” (O ESTANDARTE, 4 e 11/1/1912, p. 5). O 2º número da *Imprensa*, de 19/11/1864, foi impresso na Typographia Perseverança, localizada à rua do Hospício, 99 (Atual Buenos Aires)<sup>17</sup>. O jornal permaneceria até 2 de julho de 1892<sup>18</sup>.

<sup>14</sup> Veja-se também: *Livro de Atas do Presbitério do Rio de Janeiro*, p. 164; Trajano (1902, p. 14); Ribeiro (1981, p. 109).

<sup>15</sup> Veja-se a transcrição dessa circular, no editorial da *Imprensa Evangélica*, 21/10/1865, p. 1-2.

<sup>16</sup> Essa Tipografia, localizada à rua dos Inválidos, nº 71, pertencia aos protestantes Eduard Laemmert e Heinrich Laemmert, que organizaram sua tipografia em 2 jan. 1838, a qual tornou-se, no século XIX, a segunda maior e mais importante gráfica do Rio de Janeiro (visitada inclusive por D. Pedro II em 9 jul. 1862), perdendo apenas para a Garnier.

<sup>17</sup> Quanto à reação romana à *Imprensa Evangélica* e a relevância do jornal, veja-se Costa (1999, p. 47-57).

<sup>18</sup> No Relatório ao Presbitério do Rio de Janeiro em agosto de 1868, relata o Rev. Schneider: “A *Imprensa Evangélica* tem sido publicada sem interrupção alguma duas vezes cada mês durante o ano

## 7. A SUA EXCOMUNHÃO E DEFESA – OS PRINCÍPIOS DE SUA TEOLOGIA

As pressões para que Conceição reconsiderasse a sua posição foram intensas. Blackford e Carvalhosa resumem:

A retirada de pregador tão eminente e conceituado do seio da igreja romana não podia deixar de ser vivamente sentida pelos dignitários e mais eclesiásticos desta comunhão. Estes se esforçaram por todos os meios para reconduzi-lo para a comunhão que havia deixado, mas em vão. As cartas que lhe dirigiram altos dignitários da igreja romana, as seduções de seus amigos mundanos, os processos que lhe foi feito muito depois de sua retirada da igreja romana pelo juízo contencioso eclesiástico de São Paulo por um cisma; aos motejos da gente ignorante e irreligiosa, e a tudo que tivesse por fim direto e indireto reduzi-lo a voltar para essa igreja, respondeu sempre com *non possumus*, não do papa, mas do Evangelho.

Enquanto os agentes de Roma faziam uso de todos esses meios para reavê-lo, José Manoel da Conceição, qual novo Saulo a que Cristo se havia manifestado nas páginas do glorioso Evangelho, que havia indagado na Escritura qual era a vontade de Deus a seu respeito, ocupava-se com anunciar a seus semelhantes a boa nova de salvação e em estudar a fim de preparar-se para o ministério sagrado (LIVRO DE ATAS DO PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO, Sessão de 6/8/1875, p. 150-151).

Em 23 de abril de 1867 foi publicada no *Correio Paulistano* uma *Circular* enviada às paróquias, acompanhada da sentença condenatória de excomunhão que fora decretada em 19 de fevereiro de 1867. Na sua *Resposta*, Conceição transcreve ambos os documentos<sup>19</sup>. Conceição elabora então a sua defesa, fazendo um esboço autobiográfico e mostrando o que considera

.....  
inteiro e embora seja impossível dizer que tenhamos conseguido bons resultados, quantos almejamos, contudo somos de opinião de não serem inúteis os trabalhos que com ela tivemos” (COLEÇÃO CARVALHOSA, 8/8/1868). Para maiores detalhes sobre a *Imprensa Evangélica*, veja-se Costa (2009b, p. 105-110).

<sup>19</sup> O texto integral está transcrito em Conceição (1867, p. 5-6).

a contradição existente entre o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo e o ensino e a prática do romanismo. A esse texto já nos referimos e continuaremos a fazê-lo ao longo deste artigo.

Lauresto (1912, p. 13-14) (pseudônimo de Nicolau Soares do Couto Esher) comenta:

Nessa sua defesa, ele pulveriza de modo cabal todos os erros e superstições das doutrinas romanas; e o folheto causou grande sensação, principalmente naquele tempo, em que uma excomunhão maior não era coisa para se desprezar ou ridicularizar, como o é hoje em dia.

Ribeiro (1995, p. 68; 1981, p. 129 et seq.), comentando a *Resposta* de Conceição, resume:

É sintético, claro, elegante, vigoroso, bíblico. Atinge o romanismo no coração, a missa, que enseja o sacerdócio, o qual detém os sacramentos pelos quais manipula os benefícios da expiação feita no Calvário e conserva cativos os católicos romanos.

O próprio Conceição (1867, p. 15-16) finca as estacas:

Os pontos fundamentais desta exposição do plano da nossa redenção são três:

1º Pela morte da cruz Jesus Cristo pagou a dívida dos que se salvam, e por conseguinte estes não têm de fazer expiação por si mesmos, nem o sacrifício de Cristo se repete.

2º A condição de alguém ter o proveito desse pagamento é de sua parte. A salvação é um dom concedido de graça aos que crêem no Filho de Deus.

3º O dom do Espírito Santo acompanha a remissão dos pecados; ele é o autor na nova vida interior em que consiste a essência do Cristianismo. Ele é o santificador; e os sacramentos, a oração, a leitura e meditação das palavras de Deus são meios cuja utilidade depende da sua colaboração.

Ele argumenta e prova que a Igreja Romana alterou fundamentalmente alguns pontos. Em sua exposição, Conceição revela o quanto ele tinha uma visão Reformada das Escrituras. Os pontos mencionados são estes:

1º Ela contesta e nega a suficiência da expiação feita sobre a cruz [...]

2º O segundo ponto alterado radicalmente, versa sobre as condições indispensáveis a fim de que os homens tenham o proveito do pagamento feito por Cristo [...]

3º O terceiro ponto fundamental, que no ensino da Igreja Romana está radicalmente alterado é a *doutrina do Espírito Santo* (CONCEIÇÃO, 1867, p. 16-23).

Conceição (1867, p. 26) está convencido de que a Reforma veio de Deus, Aquele que soberanamente usou os missionários americanos. Segundo ele:

Não há reforma possível que não comece por reafirmar: 1º que Cristo crucificado uma só vez no Calvário é a única e suficiente expiação pelo pecado, e já não há mais oferenda pelo pecador; 2º, que os méritos de Cristo estão ao alcance de toda a alma contrita e crente; 3º que a essência de uma vida cristã está na reabilitação do homem interior, e não há força capaz de efetuar tal transformação exceto o Espírito de Deus, com quem estamos em contato imediato. Pedindo, receberemos; buscando, acharemos; batendo, abrir-se-nos-á.

O fato de o padre Conceição ser o primeiro a romper com o romanismo pode dar a impressão de que ele fosse o único padre insatisfeito com a sua Igreja. Na realidade, por meio de informações esparsas, podemos ter um quadro que aponta para o fato de que havia outros padres em situação idêntica a dele; só que, ao que parece, acomodaram as coisas, não tendo a coragem e ousadia que ele teve.

O Rev. Kidder (1943; 1951), que viajou bastante pelo Brasil no período de 1837-1840, comenta como foi procurado por padres desejosos de obterem um exemplar das Escrituras, ainda que houvesse oposição de quando em quando por parte do clero (COSTA, 2009b, p. 95-99).

Lessa (1935, p. 63; 1938, p. 100) nos diz:

Em Mogy-Mirim hospedava-se [Conceição] com o Padre José, que se tornou assinante da *Imprensa Evangélica*. Passando por ali com destino ao Rio, o vigário arranhou-lhe um camarada para a viagem [João Soares], que depois se converteu à religião evangélica [...].

Simonton (1982), em um de seus relatórios à Missão (8 ago. 1865), diz que um padre procurou Schneider (1832-

1910) para fazer a sua subscrição da *Imprensa* (LANDES, 1956, p. 48). Em 24 de janeiro de 1867, escreve dizendo que “muito poucos subscritores recusaram renovar suas subscrições. *Padres em altas posições têm confessado que a Imprensa é uma defensora da verdade*” (grifo nosso)<sup>20</sup>.

Talvez a ousadia de Conceição tornara-se mais grave para o clero pela sua própria estatura como intelectual, pregador e pastor de seu rebanho: “Em toda parte onde parou ou pregou, era benquisto do povo e com justiça considerado um dos maiores ornamentos da tribuna sagrada da diocese de São Paulo”, diriam mais tarde os Revs. Blackford e Carvalhosa (LIVRO DE ATAS DO PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO, Sessão de 6/8/1875, p. 149).

## 8. O PRESBITÉRIO DO RIO E A ORDENAÇÃO DE CONCEIÇÃO

O Sr. Conceição volta para Brotas e prega. Brotas se tornará o grande celeiro de Reforma Evangélica (RIBEIRO, 1979; LÉONARD, 1981). Quando Chamberlain vai embora, Conceição continua: “Está pronto, mas não sabe disso, nem, muito menos, os pastores seus amigos. Ele intuitivamente e guiado pelo Espírito, descobrirá” (RIBEIRO, 1995, p. 47). A Igreja Presbiteriana crescia: agora, temos um Presbitério. Assim, no sábado, 16 de dezembro de 1865<sup>21</sup>, organizou-se o

<sup>20</sup> Cerqueira Leite, viajando como colportor por São Paulo e Minas, escreve em 30/8/1886 de Santo Antonio da Cachoeira: “Aqui já estivemos com o vigário, e mostra ser uma bela pessoa; ele recolheu-nos [estava em companhia de Miguel Torres] em sua sala, e conversamos muito tempo com ele sobre religião, e em muitas coisas concorda conosco: deseja muito ouvir o Padre José Manoel pregar, e disse-nos que a religião do Padre José Manoel pouca diferença faz da dele” (PEREIRA, 1912, p. 21). “Em setembro do mesmo ano [1866], percorre ele [Cerqueira Leite] Sorocaba, Tatuí, Itapetininga, encontrando nesta última cidade o padre Francisco de Assunção Albuquerque, ‘belo moço’ que se manifestou inteiramente protestante, mas que não se descobria por medo do povo” (PEREIRA, 1912, p. 23). *A Imprensa Evangélica* (1874, p. 104), relatando a perseguição havida em Campos, diz: “Os padres pregaram contra a pregação do evangelho, e os devotos quebraram as janelas e cobriram com pasquins as paredes da casa do ex-padre Dr. Canto, onde o pregador evangélico estava hospedado” (grifo nosso).

<sup>21</sup> Simonton na ata citou janeiro de 1866; todavia, mais tarde verificou-se o erro e corrigiu-se na própria ata apresentando a data de 16/12/1865. Para a verificação correta, o Presbitério do Rio de Janeiro nomeou uma Comissão que deu seu relatório explicando o equívoco de Simonton. Veja-se relatório da mesma Reunião do Presbitério do Rio de Janeiro de 6/9/1884, “nona sessão”

Presbitério do Rio de Janeiro, em reunião na casa de Blackford, à rua São José, nº 1 (Atual, Líbero Badaró), São Paulo<sup>22</sup>. O Presbitério era composto por três pastores: A. G. Simonton, do Presbitério de Carlisle; A. L. Blackford, do Presbitério de Washington; e F.J.C. Schneider, do Presbitério de Ohio. Blackford foi escolhido moderador, ficando Schneider como secretário temporário e Simonton como secretário permanente. O Presbitério do Rio de Janeiro (organizado em São Paulo) ficou sob a jurisdição do Sínodo de Baltimore (LIVRO DE ATAS DO PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO, p. 2).

Nesse mesmo dia, José Manoel da Conceição foi examinado quanto ao seu desejo de ser ministro do Evangelho. Registra a ata:

Principiando pelo exame de costume sobre os motivos que influíram nele para que desejasse ser incumbido do Ministério do Evangelho<sup>23</sup>, feitos outros de praxe e depois Conceição declarou aceitar a Confissão de Fé [de Westminster] e da Forma de Governo da Igreja Presbiteriana. Mediante proposta de Simonton, o Presbitério votou favorável, dispensando-o inclusive dos “demais exames e formalidades exigidos”, não porém de um sermão pregado como de praxe. Foi marcado o dia seguinte às 10.30 hs. sendo inclusive indicado o texto do sermão: Evangelho de Lucas, capítulo 4, versos 18 e 19 (LIVRO DE ATAS DO PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO, p. 4-5; RIBEIRO, 1995, p. 54).

No dia seguinte à hora marcada, após a abertura da Sessão, pregou Conceição com uma audiência de cerca de 25

---

(p. 371-372). A comissão era composta pelos pastores: A. L. Blackford (relator), F. J. C. Schneider e Robert Lenington. Ao Rev. Modesto P. B. Carvalhosa, como secretário permanente do Presbitério, coube a tarefa de providenciar a retificação onde coubesse. No final da primeira ata do Presbitério a correção é feita com a assinatura de Carvalhosa (veja-se: LIVRO DE ATAS DO PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO, p. 7).

<sup>22</sup> O livro de atas tem em sua primeira página a inscrição: “Actas do Presbyterio do Rio de Janeiro constituído em São Paulo a 16 de dezembro de 1865 – Livro Primeiro”.

<sup>23</sup> Atas do Presbitério do Rio de Janeiro (p. 2-3).

peçoas. O sermão foi aprovado. Às 17 horas, com a parênese de Simonton baseada em 2 Coríntios 5, verso 20, o Presbitério procedeu a ordenação do Rev. José Manoel da Conceição (LIVRO DE ATAS DO PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO, p. 6); o primeiro pastor brasileiro. O Presbitério passou a contar agora com quatro pastores<sup>24</sup>. Ainda não havia presbíteros na Igreja Presbiteriana no Brasil<sup>25</sup>. O Presbitério era formado por três igrejas: a do Rio de Janeiro, a de São Paulo e a de Brotas.

## 9. UMA VIAGEM MÉDICA E MISSIONÁRIA

---

O meu estado de saúde é muito débil e precário, a continuar como nos últimos tempos, antevejo que pouco poderei prestar, mas enquanto puder prosseguir com a bênção de Deus, de Quem só nos vem a graça, a força e a capacidade para o Seu serviço (CONCEIÇÃO, *Relatório* 12/7/1867).

A saúde de Conceição não era boa. Na *Imprensa*, lemos que ele “padecia, havia muitos anos, de uma grave enfermidade, que as vezes o incapacitava por dias e semanas inteiras para qualquer serviço” (IMPRESA EVANGÉLICA, 3/1/1874, p. 1; LIVRO DE ATAS DO PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO, Sessão de 6/8/1875, p. 153). Em 1867, estimulado

---

<sup>24</sup> Um dos participantes da reunião (Mc. F. Gaston), referindo-se à ordenação de Conceição, escreveu: “Este acontecimento representa um passo importante no progresso do protestantismo neste país papal; o caráter desse homem, e sua influência entre o povo, vão ter, fora de toda dúvida, efeito considerável sobre a mente popular” (apud FERREIRA, 1992, v. 1, p. 61; RIBEIRO, 1981, p. 80).

<sup>25</sup> Os primeiros oficiais só foram eleitos em 1866: Os diáconos, em 2/4/1866. Eram três: Guilherme Ricardo Esher (de origem irlandesa), Camilo José Cardoso (de origem portuguesa) e Antonio Pinto de Sousa (brasileiro). Os presbíteros, em 7/7/1866. Eram dois: Guilherme R. Esher e Pedro Perestrello da Câmara (primo do futuro Rev. Modesto Carvalhosa). Todos foram ordenados no dia 9/7/1866, permanecendo Guilherme R. Esher como Presbítero (SIMONTON, Relatório apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro no dia 10/7/1866, p. 7-8; LESSA, 1938, p. 41; TRAJANO, 1902, p. 8; FERREIRA, 1952, v. 1, p. 28-29).

pelos amigos missionários, embarcou para os Estados Unidos no navio inglês *Eclipse* (3 de agosto), desembarcando em New York em 12 de setembro. Conceição levou consigo uma carta de recomendação do Rev. Simonton, apresentando-a ao secretário da Missão, Rev. Irving. Durante alguns dias, privou-se da companhia de George Chamberlain, que se empenhava em conseguir fundos para a construção do templo da Igreja no Rio de Janeiro.

No seu descanso, começou a trabalhar na revisão de uma tradução do Novo Testamento Grego para o português e também a traduzir folhetos e artigos (RIBEIRO, 1995, p. 72). Agora, a convite, tem a oportunidade de visitar as Igrejas de fala portuguesa de Springfield e Jacksonville, no Illinois, gentilmente acompanhado do Rev. Chamberlain. Essa cooperação no trabalho se repetiria mais tarde no Brasil<sup>26</sup>. Simonton (1982) já passara por essas Igrejas cinco anos antes, quando pregou numa Igreja de uma colônia portuguesa em Jacksonville, Illinois. “À tarde falei a quase trezentas pessoas na maior igreja portuguesa da cidade. Nunca vi gente tão surpresa e contente como eles, ao ver um americano falar sua língua”, registra em seu *Diário* (24 dez. 1862; SIMONTON, 1902, p. 33).

Nessas viagens, aproveitou para conhecer alguns irmãos de Simonton e, em outubro, começou a pregar nas referidas igrejas. A permanência de Conceição foi de aproximadamente oito meses nas igrejas de fala portuguesa. Aliás, o que Conceição menos fez nessa viagem foi cuidar de sua saúde (LESSA, 1935, p. 58). Mas a mudança de ares fez-lhe bem. Segundo o articulista da *Imprensa Evangélica*, a sua pregação naquelas igrejas teve “grande aceitação” (IMPRESA EVANGÉLICA, 3/1/1874, p. 1; LIVRO DE ATAS DO PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO, Sessão de 6/8/1875, p. 153). De fato, ele estava para ser eleito seu pastor; todavia Conceição não aceitou: a sua missão era o Brasil (RIBEIRO, 1995, p. 72). Relata:

---

<sup>26</sup> Conceição (*Relatório* de 14/8/1869), diz: “Em princípio de outubro voltei para São Paulo, e seguindo para o Rio, acompanhei o Rev. Chamberlain visitando Angra do Reis e Parati. Dirigimo-nos a Cunha e a Lorena, onde nos demoramos pregando ao povo, até que uma grande desordem veio interromper nossos trabalhos...”.

Residi, pregando nas ditas igrejas, cerca de oito meses, exerci ali a medicina, o que me valeu a simpatia das igrejas e demais povo das cidades. Esforcei-me também em todo o gênero de trabalho, fazendo quanto me era possível por honrar o meu ministério. Deixei as igrejas satisfeitas com o meu trabalho e pesarosas com a minha partida; pelo que justamente demos graças a Deus por nos haver sempre assistido com sua graça, conservando-nos em paz e harmonia de fé e de caridade, a despeito de quaisquer que fossem as circunstâncias e emergências que nos costumam provar na vida (LESSA, 1935, p. 57).

Nesses oito meses, teve ainda oportunidade de viajar por outras cidades norte-americanas, visitando templos protestantes e católicos e algumas sinagogas. Apreciou bastante a hospitalidade do povo americano.

Ainda que não totalmente restabelecido, regressou ao Brasil em 23 de junho de 1868, embarcando no vapor *Mississipi*, sendo acompanhado ao Porto pelos Revs. Irving e Chamberlain. Desembarcou no Rio de Janeiro em 20 de julho de 1868.

O trabalho não pode esperar; a reunião do Presbitério se avizinha; assim, acompanhado dos Revs. Schneider e Blackford, embarca no dia 1º de agosto de 1868 para Santos no vapor *Santa Maria*. Em 13 de agosto está em São Paulo (CONCEIÇÃO, *Relatório* de 14/8/1869).

## 10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo indicamos o início do protestantismo no Brasil e o surgimento do primeiro pastor brasileiro, enfocando suas angústias, pregação, contato com os missionários presbiterianos e adesão ao protestantismo. Aqui pretendemos evidenciar as dificuldades próprias de um religioso sincero que com a mesma integridade anterior se esmera na divulgação de sua nova fé. No próximo texto, trataremos do senso de urgência que caracterizou a itinerância desse reformador nativo, as perseguições sofridas e as incompreensões das quais foi alvo, mesmo entre aqueles que partilhavam de sua nova fé.

# JOSÉ MANOEL DA CONCEIÇÃO: A NATIVE REFORMER

---

## ABSTRACT

In this first of two articles, Costa describes aspects of the life and formation of Rev. José Manoel da Conceição, the first Protestant minister of Brazil, which, due to his teachings, even before joining the Protestant faith, was known as “Protestant priest.” It also analyses the moments of tension and anxiety that marked the abandonment of his ancient faith and the adoption of a new one, as well as his admission to the pastoral ministry in the Presbyterian Church in Brazil.

---

## KEYWORDS

José Manoel da Conceição; Presbyterianism; Brazilian Protestantism; Protestantism; Brazilian Empire.

---

## REFERÊNCIAS

AZZI, R. *O altar unido ao tronø. um projeto conservador.* São Paulo: Paulinas, 1992.

CAMPOS, L. de. Rev. José Manoel da Conceição. *Revista das Missões Nacionaes*, Campinas, v. 34, n. 395, p. 9, 1921.

COLEÇÃO CARVALHOSA. *Relatório de Conceição apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro.* Relatórios Pastorais, 1866-1875. Fonte manuscrita.

\_\_\_\_\_. *Relatório de Schneider apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro.* Relatórios Pastorais, 1866-1875. Fonte manuscrita.

\_\_\_\_\_. *Relatório de Simonton apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro.* Relatórios Pastorais, 1866-1875. Fonte manuscrita.

CONCEIÇÃO, J. M. da. *Sentença de excomunhão e sua resposta.* Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1867.

COSTA, H. M. P. da. *Simonton: um homem dirigido por Deus*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1999. (Cadernos de Pós-Graduação, n. 6.)

\_\_\_\_\_. O protestantismo no Brasil: aspectos jurídicos, culturais e sociais de sua implantação – segunda parte. *Ciências da Religião: história e sociedade*, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 100-135, 2006.

\_\_\_\_\_. *João Calvino 500 anos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009a.

\_\_\_\_\_. O protestantismo e a palavra impressa: ensaios introdutórios. *Ciências da Religião: história e sociedade*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 90-115, jul./dez. 2009b.

DELUMEAU, J. *A confissão e o perdão: as dificuldades da confissão nos séculos XIII a XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

FERREIRA, J. A. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992.

FISCHER, J. Comunidades, sínodos, Igreja Nacional: o povo evangélico de 1824 a 1986. In: MÜLLER, T. L. (Coord.). *Simpósio de História da Igreja*. São Leopoldo: Rotermund/Editora Sinodal, 1986.

HUNSCHE, C. H. *Protestantismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: EST/Sinodal, 1983.

IMPrensa EVANGÉLICA, Rio de Janeiro e São Paulo: [Várias tipografias], 1864-1892.

KIDDER, D. P. *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1943. v. 1; 1951. v. 2.

LANDES, P. S. *Ashbel Green Simonton*. Fort Worth: Don Cowan Company, 1956.

LAURESTO. Esboço Biographico do Rev. José Manoel da Conceição. *O Estandarte*, 4 e 11 de janeiro de 1912.

LÉONARD, É. G. *O protestantismo brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Juerp; Aste, 1981.

LESSA, V. T. *Padre José Manoel da Conceição*. 2. ed. rev. ampl. e anotada. São Paulo: Graphica “Cruzeiro do Sul”, 1935.

\_\_\_\_\_. *Annaes da 1ª Igreja Presbyteriana de São Paulo*. São Paulo: Edição da 1ª Igreja Presbyteriana Independente, 1938.

LIVRO DE ATAS DO PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO. Livro n. 1 – Fonte Manuscrita.

MONTE CARMELO, J. de. *O Padre José Manoel da Conceição e a Igreja*. Rio de Janeiro: Typhografia da Reforma, 1874.

O ESTANDARTE, Jubileu do Presbyterianismo no Brasil, 1912, n. 1 e 2; 4 e 11/01/1912.

OLIVEIRA, J. G. de. *Suecos no Brasil*. São Paulo: s. n., 1952.

PEREIRA, E. C. Traços Biographicos do Rev. Antonio Pedro de Cerqueira Leite: *O Estandarte*, 4 e 11/1/1912.

RIBEIRO, B. *Protestantismo no Brasil Monárquico, 1822-1888*. São Paulo: Pioneira/Fundação Educacional Presbiteriana, 1973.

\_\_\_\_\_. *O Padre Protestante*. 2. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1979.

\_\_\_\_\_. *Protestantismo e cultura brasileira*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.

\_\_\_\_\_. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. São Paulo: Livraria O Semeador, 1995.

RODRIGUES, J. C. *Religiões Acatólicas no Brasil*. Rio de Janeiro: Escriptorio do “Jornal do Commercio”, 1904.

SILVA, W. S. *José Manoel da Conceição: o evangelista itinerante*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2002. (Cadernos de Pós-Graduação, n. 4.)

SIMONTON, A. G. *Diário, 1852-1867*. São Paulo: CEP/O Semeador, 1982.

SIMONTON, W. Rev. A. G. Simonton: In: REIS, A. (Ed.) *Almanak Histórico do O Puritano*. Rio de Janeiro: Casa Editora Presbiteriana, 1902.

TARSIER, P. *História das perseguições religiosas no Brasil*. São Paulo: Cultura Moderna, [1936], Tomo I.

TRAJANO, A. (Rev.). Esboço histórico da Igreja Evangélica Presbiteriana: In: REIS, A. (Ed.) *Almanak Histórico do O Puritano*. Rio de Janeiro: Casa Editora Presbiteriana, 1902.

TSCHUDI, J. J. Von. *Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e S. Paulo*. São Paulo: Martins Fontes, [1953].

VIEIRA, D. G. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.

WEBER, A. *História sociológica da cultura*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.